
Práticas Educativas Parentais em Famílias de Alunos com Indicativos de *Bullying*

Thaís Cristina Gutstein

Universidade Tuiuti do Paraná/UNIPAR/UFPR

Yara Kuperstein Ingberman

Universidade Tuiuti do Paraná/FEPAR

Paula Inez Cunha Gomide

Universidade Tuiuti do Paraná

Resumo

Situações de violência são comuns em toda sociedade. O *bullying* é uma forma de violência escolar que tem merecido atenção por parte dos pesquisadores nas últimas décadas. Essa pesquisa teve por objetivo correlacionar bullying com práticas parentais e identificar a presença de situações de bullying escolar e os papéis das crianças e adolescentes envolvidos nestas situações como vítimas, agressores ou espectadores. Um questionário que identificava situação de *bullying* e o Inventário de Estilos Parentais (IEP) foram aplicados em 283 alunos, de 5ª a 8ª séries, de uma escola pública. Os resultados mostraram que 77,9% dos alunos apresentaram algum tipo de envolvimento com *bullying* escolar e prevalência de práticas parentais negativas (punição inconsistente, negligência, disciplina relaxada, monitoria negativa e abuso físico). Houve correlação positiva entre práticas negativas maternas e indicativos de *bullying* ($r = 0,227$ e $p < 0,001$) e práticas negativas paternas ($r = 0,166$ e $p = 0,008$), demonstrando uma correlação entre práticas dos pais e situações de *bullying* escolar, mas que não necessariamente o *bullying* está associado a práticas parentais exclusivamente.

Palavras-chave: Bullying. Estilos parentais. Escola.

Abstract

Situations of violence are common throughout society. Bullying is a form of school violence that has received attention from researchers in recent decades. This research aimed to identify bullying situations and identify parenting practices associated with these situations. A questionnaire that identified situation of bullying and Parental Styles Inventory (IEP) were applied on 283 students from 5th to 8th grade in a public school. The results showed that 77.9% of students had some kind of involvement with school bullying and prevalence of negative parenting practices (inconsistent punishment, neglect, relaxed discipline, negative monitoring and physical abuse). There was a positive correlation between maternal negative practices and indications of bullying ($r = 0.227$ and $p < 0.001$) and paternal negative practices ($r = 0.166$ and $p = 0.008$), demonstrating a correlation between practices and situations of school bullying parent, but not necessarily bullying It is associated with parenting practices exclusively.

Keywords: Bullying. Parenting styles. School.

Introdução

O ambiente escolar é um espaço de aprendizagens significativas. Os alunos aprendem novas formas de se relacionar no convívio com colegas e educadores. Porém, as práticas parentais educativas podem influenciar fortemente o desempenho escolar e as relações com colegas e educadores (Rodrigues, 2014). As atitudes dos pais podem levar a aquisições tanto de comportamentos pró-sociais quanto antissociais, dependendo da frequência e intensidade com que o casal parental as utiliza (Gomide, 2006). Identificando-se as práticas parentais preditoras de comportamentos infantis, abre-se a possibilidade de ampliação de projetos e práticas preventivas, de caráter focal, possíveis de serem aplicadas em escolas, comunidades, clínicas, etc (Salvo, Silvaes e Toni, 2005).

O *bullying* é uma violência escolar caracterizada por um conjunto de comportamentos agressivos e antissociais (Fante, 2008). Esse conjunto de comportamentos é demonstrado por diferentes papéis

desempenhados pelos alunos envolvidos (agressores, vítimas e espectadores). Os comportamentos de *bullying* escolar acontecem quando um estudante ou vários deles elegem como alvo outro(s), expondo (s) a situações humilhantes ou intimidatórias, por meio de apelidos pejorativos, zoações, perseguições, ameaças, difamações.

Olweus (1999), em sua definição de bullying considera que um estudante está sendo vitimizado quando é exposto, repetidamente e por um tempo prolongado, a ações negativas por parte de um ou mais estudantes. O *bullying* é uma forma de violência “mascarada na forma de brincadeira” e pode acarretar consequências para o desenvolvimento da vítima desse tipo de violência, tais como a baixa autoestima, ansiedade, medo, evitação escolar, depressão, sintomas físicos e emocionais, suicídio (Bandeira & Hutz, 2012; Nascimento & Menezes, 2013).

Os agressores (bullies), segundo o CNJ (2010), escolhem para intimidar alunos que estão em desigualdade de poder, seja por situação socioeconômica, situação de idade, de porte físico ou até porque numericamente estão desfavoráveis. As agressões são gratuitas e cruéis, com o intuito de ferir e colocá-lo em situação de inferioridade e tensão e podem ocorrer de diversas formas: verbal, moral, sexual, física, social, material, psicológica e virtual (Fante, 2005)

As vítimas típicas são aquelas que apresentam pouca habilidade de socialização, são retraídos ou tímidos e não dispõem de recursos, status ou habilidades para reagir ou fazer cessar as condutas agressivas contra si. Geralmente apresentam aspecto físico mais frágil, algum traço ou característica que as diferencia dos demais. Demonstram insegurança, coordenação motora pouco desenvolvida, extrema sensibilidade, passividade, submissão, baixa autoestima, dificuldade de autoafirmação e de auto expressão, ansiedade, irritação e aspectos depressivos (Fante, 2005).

Os papéis de espectadores, seriam daqueles alunos que assistem situações de bullying ocorrer. De acordo com (Orpinas & Horne, 2006), podem ser divididos entre aqueles que fazem parte do problema (incentivando ou omitindo-se) e nos que fazem parte da solução (ajudando, buscando ajuda).

Uma vez evidenciada a prevalência de *bullying* na escola, trabalhos que visem à redução das sequelas causadas pela presença destes comportamentos devem ser propostos. Neste caso deve-se envolver a equipe escolar, pais e principalmente os alunos. Todos precisam comprometer-se com o cumprimento de regras, imposição de limites e suporte emocional, de outro modo pode tornar-se cúmplices desta violência (Gutstein & Yingberman, 2011; Santos, Perkoski & Kienen, 2015).

O *bullying* é considerado como comportamento agressivo ou antissocial. O comportamento antissocial é entendido como todo comportamento que infringe regras sociais ou que é uma ação contra os outros, como: comportamento violento, piromania, agressividade, furto, roubo ou comportamento infrator (Gomide, 2001). Grande parte das pesquisas, referente a estas atitudes, relatam fatores de risco em que a criança é exposta e que se relacionam a determinados problemas de comportamento, sendo que a menção a ambientes familiares adversos, práticas parentais negativas e à violência doméstica, foram os fatores mais citados (Batista & Weber, 2011).

A aquisição do comportamento agressivo pode ocorrer além das determinações filogenéticas, por funcionar como uma estratégia que está solucionando problemas para o indivíduo em curto prazo, mesmo que a médio e longo prazo essas consequências estejam sendo punitivas (Valentim, 2005). A autora sugere que o comportamento pode estar sendo reforçado negativamente, pois o agir agressivo é, na maior parte das vezes, negativamente reforçado, ou seja, bullies emitem comportamentos agressivos por serem reforçados. Estes aprendem tal funcionalidade com modelos agressivos na família ou no ambiente escolar. Percebem-se dois tipos de reforçamento, negativo por eliminar a uma tensão (adquirido por modelo e

reforçado pelo alívio fisiológico); e por reforçamento positivo pela submissão da vítima, pela resposta do comportamento da vítima. Como consequência imediata de tais comportamentos costumam ser a fuga da situação aversiva pela intimidação do outro, essas ações acabam sendo selecionadas.

É válido ressaltar que o comportamento agressivo pode também ser caracterizado como um exemplo de comportamento antissocial. No entanto, quando esse comportamento está atrelado a outros comportamentos não adaptativos e que infringem regras sociais pode-se dizer trata-se de um padrão de comportamentos antissociais.

Patterson, Reid e Dishion (2002) definem comportamento antissocial como eventos que são simultaneamente aversivos e contingentes. O termo contingente refere-se à conexão entre o comportamento do indivíduo e o de outra pessoa pertencente ao ambiente onde o evento ocorre. Defendem que os atos aparentemente inofensivos como desobediência, oposição, agressão, transgressão de regras, por exemplo, observados no lar e na escola são os protótipos de comportamentos antissociais na adolescência. Eles afirmam também que a exposição muito longa à violência e à agressão, tanto na comunidade quanto na televisão, tem aumentado a extensão da aprendizagem de comportamentos

agressivos nos tempos atuais. A exposição a episódios antissociais propicia a aprendizagem, na qual a criança é inicialmente uma simples observadora e com experiência, passa a copiar os modelos com quem se identifica. Além disso, por meio da aprendizagem por modelagem, a criança pode utilizar as birras, choros, ameaças e outros comportamentos antissociais para obter controle sobre os pais. Esses comportamentos vão sendo instalados no repertório da criança na medida em que os resultados são atingidos. Nesse aspecto consideram-se também os comportamentos emitidos na comunidade escolar que passam a controlar o comportamento alheio, tais como comportamentos de *bullying*.

A partir da definição de Olweus (1993), portanto, o bullying é o abuso sistemático de poder entre pares ou um processo de agressão intencional e repetido. Quando esse padrão de comportamentos torna-se repetitivo, com frequência persistente gerando prejuízos para outras pessoas, nota-se a severidade das relações que se estabelecem e como produto, comportamentos antissociais são produzidos pelos bullies. Embora o práticas de *bullying* não se caracterizem como Transtorno de Personalidade Antissocial é preciso atenção para a sua possível predição, pois sua ocorrência de comportamentos antissociais começam ainda na infância e podem perpetuar para a vida adulta.

Esse padrão de comportamentos é multideterminado e no DSM V (APA, 2014), é caracterizado como um padrão difuso de indiferença e violação dos direitos dos outros. Nesse caso, em que a amplitude e frequência dos comportamentos estão elevadas, esse padrão deve aparecer desde os 15 anos de idade, integrando três dos critérios seguintes: 1) Fracasso em ajustar-se às normas sociais relativas a comportamentos legais; 2) Tendência à falsidade; 3) Impulsividade ou fracasso em fazer planos para o futuro; 4) Irritabilidade e Agressividade; 5) Descaso pela segurança de si ou de outros; 6) Irresponsabilidade reiterada; 7) Ausência de remorso.

O DSM V (APA, 2014) aponta ainda para a categoria de Problemas Relacionados ao Ambiente Social – Exclusão ou Rejeição Social que deve ser usada quando há um desequilíbrio no poder social de tal ordem que há exclusão ou rejeição social recorrente por parte dos outros. Exemplos desse tipo de problema incluem *bullying*, intimidação e provocações por outros.

A história de aprendizagem é determinada por inúmeros fatores. As relações que se estabelecem tanto no lar como na escola influenciam comportamento do sujeito, e assim a sua vida. As práticas educativas parentais exercem grande influência sobre o comportamento humano sobretudo a maneira como os filhos aprendem a perceber os fatos cotidianos, resolver problemas e

visualizar a realidade. Os pais (cuidadores) servem como modelos morais aos filhos e o modo como interagem pode desencadear dificuldades marcantes para sempre entre a díade pais (cuidadores) e filhos, de maneira não só encoberta, mas na reprodução de comportamentos adaptativos ou não em relação à sociedade. Segundo Williams & Pinheiro (2009) entre meninos e meninas, quanto mais severa a violência física cometida pelos pais, maior a probabilidade de apresentarem envolvimento em *bullying* como alvo ou como autores.

O ambiente familiar coercitivo contribui para a contextualização e perpetuação das práticas de *bullying*, tendo em vista que as primeiras relações familiares, seja qual for sua qualidade, interferirão na manutenção e desenvolvimento de repertórios comportamentais como no caso do *bullying*, que pode ser aprendido por um comportamento de controle aversivo por parte do contexto familiar (Rodrigues, 2015).

O Inventário de Estilos Parentais (Gomide, 2006) auxilia profissionais que trabalham com famílias que apresentam risco social a detectar as práticas parentais. Aqui se inclui as famílias que buscam ajuda no sistema jurídico e demais programas de auxílio mantidos por políticas públicas. A autora cita alguns aspectos das condições familiares como maus-tratos, excesso de permissividade dos pais e mesmo fatores individuais

(impulsividade, hiperatividade, déficit de atenção, baixo desempenho escolar) que podem explicar as atitudes praticadas pelos perpetradores da violência.

Cook, Williams, Guerra, Kim e Sadek (2010), em um estudo de meta-análise englobando 153 estudos empíricos, enumeraram diversos preditores do envolvimento em situações de *bullying*. Os fatores analisados foram divididos em individuais e contextuais. Mostraram-se como principais preditores individuais para o envolvimento como agressor a presença de comportamentos externalizantes e crenças negativas sobre outras pessoas e entre os preditores contextuais, a influência dos pares e fatores da comunidade. Para a vitimização, o preditor individual mais relevante foi a baixa competência social e os preditores contextuais foram clima escolar, fatores da comunidade e *status* entre os pares como, por exemplo, popularidade e amabilidade.

Skinner (1971) e Sidman (1995) questionam o modelo coercitivo que predomina há tanto tempo nos sistemas familiares, educacionais, legais e policiais, cuja punição tem sido a estratégia de controle de comportamento utilizada com muita frequência. O grande problema é que ela funciona de forma imediata e por isso parece mais eficaz. Entretanto, a punição produz efeitos colaterais tanto para quem pune quanto para quem é punido. Os estímulos aversivos que são

usados pelos adeptos da agressão no controle do comportamento, eliciam sentimentos no agredido que dificultam a aprendizagem e a relação dele com outras pessoas; provocam o comportamento de fuga e esquiva que impedem o contato com situações de aprendizagem de repertórios comportamentais alternativos.

A ciência do comportamento tem contribuído para solucionar problemas da sociedade e analistas do comportamento têm buscado intervir também no problema da violência nas escolas e demais locais em que o comportamento antissocial ocorre, alterando contingências atuais e planejando um futuro melhor (Marques, 2010). O autor propõe que se abandone a crença de que os controles coercitivos são absolutamente necessários para o bom funcionamento da sociedade. Segundo ele, a mudança nas formas de controle interpessoal, de coercitiva para reforçadora, poderia resultar em uma qualidade de vida melhor, propiciando ambientes mais adequados para o desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Gomide (2010), afirma que independentemente da forma ou das virtudes escolhidas a desenvolver, o essencial é que se produzam mudanças comportamentais positivas, que tornem o ser humano “bom” por dentro e por fora. Este caminho se mostrou promissor como forma de desenvolver comportamentos com

probabilidade alta de inibir comportamento antissocial. No entendimento deste trabalho o fenômeno *bullying* é comportamento antissocial e uma forma de reduzi-lo é o desenvolvimento do comportamento moral.

A análise do comportamento descreve o fenômeno do comportamento moral como um comportamento operante estabelecido e mantido pelas contingências de reforçamento no ambiente, especialmente pelas comunidades sociais. Comportamentos pró-sociais como: ajudar compartilhar, cooperar, cuidar, ser altruísta e empático, ter amizades e afeição, que são produzidos por reforçamento positivo, são objetos de estudo da moralidade. O analista do comportamento vê a moralidade como algo evocado na pessoa por uma ampla categoria de comportamentos no contexto social. São comportamentos que refletem os efeitos cumulativos de contingências sociais de reforçamento e punição (e de condicionamento respondente) (Schlinger,1995).

O comportamento prossocial é aprendido e depende do controle exercido pelo ambiente social (Skinner, 1971). O autocontrole é a capacidade do organismo de fazer algo a respeito das variáveis que o afetam, isto é, de exercer controle ou contra controle (resposta decorrente de um processo de punição que visa esquivar-se de estimulação aversiva ou ataque ao agente punidor) sobre o que determina o comportamento.

Assim, a abordagem behaviorista descreve os valores como controles sociais sobre o comportamento humano, e, no caso do *bullying*, também se observa a tentativa de controlar o comportamento alheio por estimulação aversiva.

A sociedade ainda tem se preocupado mais em arranjar condições de remediar o mal causado pelas práticas coercitivas e ineficientes de controle do que com o planejamento cultural com medidas preventivas ao comportamento agressivo e antissocial (Valentim, 2005). Para o autor devem ser repensadas as formas de intervir no problema com medidas preventivas para não deixar com que contingências mal planejadas possam se transformar num futuro complicado de se viver em sociedade. A análise criteriosa de um projeto permite refiná-lo, identificando seus aspectos dificultadores e facilitando a inclusão de estratégias efetivas para correção dos problemas (Lohr, Pereira, Andrade & Kirchner, 2007).

Em situações de violência escolar, de acordo com as especificidades do *bullying*, apesar do comportamento antissocial já estar instalado as intervenções podem contribuir significativamente. Diferentes maneiras de intervir podem evitar consequências mais aversivas às vítimas, vítimas/agressores, aos agressores ou mesmo aos espectadores (testemunhas), bem como aos demais envolvidos nesta relação de violência.

O objetivo desse estudo foi correlacionar *bullying* com práticas parentais e identificar a presença de situações de *bullying* escolar e os papéis das crianças e adolescentes envolvidos nestas situações como vítimas, agressores ou espectadores. O estudo foi realizado com estudantes de ensino fundamental, de uma escola pública no interior do Paraná.

Método

Participantes: Participaram da pesquisa 283 alunos regularmente matriculados em uma Escola Estadual, de uma cidade do interior do estado do Paraná. Destes, 39,2% estudavam na 5ª série; 21,9% na 6ª série; 22,3% na 7ª série e 16,6% na 8ª série. Quanto ao gênero, 59% dos participantes eram do sexo masculino e 41% do sexo feminino. Do total de participantes, 47,3% deles estudavam em período matutino; 51,2% em período vespertino e 1,4% em período noturno. Sobre a faixa etária dos participantes, 16,4% deles tinham 10 anos, 22,9% tinham 11 anos, 19,1% entre 12 anos e 41,6% dos alunos tinham entre 13 até 15 anos de idade. Quanto ao local em que moram 31% deles moram no centro da cidade, 20,3% moram em bairros da cidade e 48,8% afirmaram morar na zona rural da cidade. Com relação à renda familiar, 49,1% dos alunos responderam que a renda familiar corresponde a 01 a 03 salários

mínimos; 13,9% afirmam ter entre 04 a 06 salários mínimos na família; 1,8% consideraram entre 07 a 10 salários e 2,1% mais de 10 salários mensais familiares. Ressalta-se que 32,7% dos alunos não informaram a renda familiar. Dos participantes, 94% responderam que residem com pelo menos um dos pais (pai ou mãe), e 6% residem com outras pessoas (avós, tios, irmãos). Ainda sobre dados familiares, 32,7% têm apenas um irmão (ou irmã); 28,5% têm 2 irmãos; 13,5% têm 3 irmãos e 25,4% dos participantes afirmam ter 4 irmãos ou mais.

Instrumentos: Foram utilizados dois instrumentos: Questionários sobre *bullying*, de Olweus (1993), adaptados pelas autoras e o Inventário de Estilos Parentais (IEP) – versão para filhos. O Questionário para levantamento da prevalência sobre *bullying* consiste de 31 questões com respostas de múltipla escolha, sobre a frequência, tipos de agressões, locais de maior risco, tipos de agressores e percepções individuais quanto ao número de agressores. Este instrumento destinou-se a apurar as situações de vitimização/agressão aplicados diretamente aos alunos. As pesquisadoras selecionaram no Questionário de escala dicotômica, pontuações distintas para situações com envolvimento em *bullying* (vítima, agressor ou espectador), melhor descritas nos resultados. O cabeçalho sugeria que as questões fossem respondidas de acordo situações ocorridas

no último mês. A adaptação foi realizada de forma a facilitar a compreensão dos estudantes e de acordo com a finalidade da pesquisa.

O Inventário de Estilos Parentais (IEP), Gomide (2006), apresenta 42 afirmativas que devem ser respondidas pelo pesquisado em uma escala de Likert de três pontos (“Sempre”, “Às Vezes”, “Nunca”) sobre comportamentos de interação parental entre pais (responsáveis) e filhos. O inventário deriva de um modelo teórico composto por sete práticas educativas, sendo duas consideradas positivas (monitoria positiva e comportamento moral) e cinco negativas (abuso físico, disciplina relaxada, monitoria negativa, negligência e punição inconsistente). Nesta pesquisa utilizou-se a versão para filhos, que respondem sobre as práticas educativas de seus genitores.

Procedimento: Primeiramente foi realizado o contato com a direção da escola e o projeto foi exposto aos professores e direção. A escola foi escolhida por amostra de conveniência, de acordo com a proximidade do local de trabalho de uma das pesquisadoras, no mesmo município. Após o aceite da direção o projeto foi enviado e aprovado pelo Comitê de Ética (4737/2011- Fepar). Os alunos levaram o TCLE para casa para solicitar autorização de seus pais. Sessenta e seis por cento dos TCLS enviados voltaram assinados,

configurando a amostra. A aplicação foi realizada em sala de aula coletivamente, mas os alunos responderam individualmente aos instrumentos (IEP e Questionário sobre *bullying*).

Resultados e Discussão

Os dados coletados pelos instrumentos foram analisados e serão apresentados na descrição de características de *bullying* identificadas. Em seguida, demonstram-se as possíveis correlações entre estilos parentais e envolvimento com *bullying*, evidenciadas na amostra pesquisada.

Descrição de características de *bullying*

Para a caracterização de indicativos foram selecionadas onze questões dicotômicas sobre práticas de *bullying*, sendo duas questões para identificar agressores, três para espectadores, três para vítimas de *bullying* e outras três que sugerem presença de *bullying* escolar. As três questões (11, 16 e 17), que indicavam a presença de *bullying*, eram as seguintes: 11) “*Você tem pessoas que não são seus amigos?*” (sim = 2; não = 1); 16) “*Você tem um bom relacionamento com seus colegas de classe?*” (sim = 1; não = 2) e 17) “*Você já brigou com algum colega na escola?*” (sim = 2; não = 1). Somando os pontos das

três questões obteve-se um resultado que indicava: 6 pontos - Nível elevado de *bullying*; 4 a 5 pontos - Nível Moderado; e 3 pontos - Não havia presença de situações de *bullying*. As respostas dos 283 participantes, de 20 classes de alunos diferentes, demonstraram, em média, haver níveis moderados de *bullying* escolar (M=4,29; dp = 0,89). Essa média é verificada de forma geral em estudos nos Estados Unidos. Em um estudo realizado por Orpinas e Horne (2006) se identificou que 41% dos estudantes indicaram terem sido vítimas de *bullying*. Já no interior de São Paulo, estudos realizados por Fante (2005) constataram que 49,8% (ou cerca de 50%) dos alunos se envolveram em condutas de *bullying*.

Para a identificação do estudante em papel de Agressor praticante de *bullying*, foram utilizadas duas questões do questionário (27 e 29), a saber: “27) *Sinceramente, você provoca frequentemente algum colega ou aluno da escola?*” e “29) *Você costuma apelidar, zoar ou intimidar seus colegas?*”. Para ambas, utilizou-se sim = 2 e não = 1 ponto. Foi considerado Agressor verbal ou físico, o aluno que somando as duas questões obteve o escore de 4 pontos. Os dados evidenciaram que 6% dos alunos enquadraram-se nas características de Agressor em situações de *bullying*, dados que corroboram com a pesquisa realizada por Rech e Cols (2013), em que a prevalência de estudantes agressores é de 7,1%.

Em relação aos agressores, nota-se que esses

demonstram algumas características: têm maior força física do que a vítima, apresentam comportamentos impulsivos, comportamentos agressivos, necessidade de dominar os colegas, pouca empatia pelos outros (Batsche & Knoff, 1994), baixa tolerância à frustração, desafio à autoridade (Spriggs, Iannotti, Nansel, & Haynie, 2007) além de poder e influência sobre o grupo. Os agressores podem apresentar também baixo rendimento escolar, evasão escolar (Orpinas & Horne, 2006); comportamento antissocial (Trautmann, 2008), problemas com o sistema legal (Orpinas & Horne, 2006), abuso de substâncias (Lamb, Pepler, & Craig, 2009) e histórico de violência na família (Pinheiro & Williams, 2009). Vale à pena ressaltar na presença de *bullying*, a vulnerabilidade da vítima, sendo que ela pode apresentar diferenças em relação ao agressor que podem ser usadas para justificar as agressões. São comuns diferenças de poder, de idade, de estatura física, de habilidades sociais, *status* social, etnia, orientação sexual, vestuário ou mesmo a presença de alguma característica física marcante.

Em relação ao papel de Vítima de situações de *bullying*, utilizaram-se três questões do questionário (15, 18 e 19): “15) *Você tem colegas na escola que não são seus amigos? Estes colegas fazem coisas ou falam coisas desagradáveis contra você?*”, “18) *Você já foi intimidado por algum aluno na escola?*” e “19) *Existe algum aluno na escola que você tem*

medo? Para cada uma das três questões computou-se sim = 2 pontos e não = 1 ponto. No somatório dos escores a pontuação igual a 6 pontos identificou o papel de Vítima. Neste caso 13,4% dos alunos que responderam o questionário foram caracterizados como vítimas das situações que envolveram *bullying*. Na pesquisa realizada por Rech e Cols (2013), a prevalência de estudantes vítimas seria de 10,2%.

Estudos nacionais apontam para uma percentagem mais baixa de alunos envolvidos em *bullying*, como é possível verificar no estudo realizado pela ABRÁPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência), no Rio de Janeiro (Lopes, 2005), que identificou um total de 16,9% de vítimas e 12,7% de agressores. Já os estudos estrangeiros divergem bastante em seus achados, com 12% de vítimas na Noruega, 20% de vítimas e 16% de agressores em Portugal, 32% de vítimas e 27% agressores em Malta e 82% de alunos vitimizados em escolas rurais dos Estados Unidos (Berger, 2007). Com relação aos dados demonstrados pela atual pesquisa, portanto, 13,4% de alunos seriam vítimas e 6% de agressores. Com relação à pesquisa de Dan Olweus (1991) e também na pesquisa de Rech e Cols (2013), há proximidade de dados, sendo que é possível a diversidade de dados entendidas a partir da diversidade regional e cultural, ou mesmo, sobre o ambiente escolar.

Quanto ao papel de Espectador (Ouvinte ou Testemunha dependendo da literatura), foram identificadas duas questões que são compatíveis aos comportamentos (21 e 23): “21) *Existe algum aluno na escola que fica intimidando os outros alunos?*” e “23) *Você já viu algum aluno ser intimidado por outro aluno na escola?*”. Para ambas, foram possibilitadas opções de resposta afirmativa (2 pontos) e negativa (1 ponto). O somatório de 4 pontos corresponde à tal caracterização. Os dados levantados apontaram que 58,5% dos alunos foram identificados como Espectadores de situações de *bullying* na escola, ou seja, esses alunos, apesar de presenciarem situações de agressão ou vitimização, assistem aos episódios, porém não interferem ou tomam atitudes. Tais dados corroboram com pesquisas realizadas pela ABRAPIA, que identificou 57,5% de testemunhas. Muitos alunos presenciam as ações de *bullying*, mas que não demonstram comportamentos diretamente envolvidos e que podem ser trabalhados no sentido de minimizar os casos que ocorrem através do aumento do repertório de comportamentos de solicitar ajuda quando necessário e evitar que possam tornar-se vítimas ou agressores futuramente.

De modo geral, a pesquisa demonstrou que 77,9% dos alunos apresentaram algum tipo de envolvimento com *bullying* escolar. Destes, 6% no papel de agressor verbal ou físico (17 alunos); 13,4% são caracterizados

como vítimas (38 alunos) e 58,5% (165 alunos) como espectadores de *bullying* escolar. Com esses dados, percebe-se que apenas 63 alunos do total não apresentam envolvimento direto ou indireto como vítimas, agressores e espectadores. Fante (2005) realizou no Brasil, entre 2000 e 2003, uma pesquisa com aproximadamente 2000 alunos de escolas públicas e privadas da região de São José do Rio Preto. Os resultados apontaram que 49% dos participantes estavam envolvidos no fenômeno. Desses, 22 % eram vítimas, 15% agressores e 12% vítimas agressoras. Resultados semelhantes foram encontrados pela ABRAPIA em 2002, no município do Rio de Janeiro. A amostra foi realizada com 5.875 alunos, sendo que 40,5% estavam envolvidos em casos de *bullying*. Desses, 17% eram vítimas e 13% agressores (Lopes Neto e Saavedra, 2003).

Estilos Parentais e práticas de *bullying*

É relevante o desenvolvimento de estudos empíricos nacionais que permitam compreender a associação do *bullying* com variáveis da família, da escola e da comunidade. O conhecimento de tais aspectos poderá auxiliar os pesquisadores na identificação de como estes diferentes contextos têm contribuído, direta ou indiretamente, para o surgimento

e manutenção do *bullying*, ou para a sua diminuição (Borsa, Petrucci & Koller, 2015). Os resultados da aplicação do Inventário de Estilos Parentais Paterno a todas as classes ($n = 283$) mostraram que 48,8% dos pais tinham Estilo Parental de Risco ($m = 2,47$); 19,6% Estilo Parental Regular ($m = 5,54$); 20,7% com Estilo Parental Bom; e apenas 10,9% apresentaram Estilo Parental Ótimo. Com relação ao IEP materno 43,8% das mães dos alunos mostraram Estilo Parental de Risco ($m = 2,73$); 18,8% Estilo Parental Regular ($m = 6,38$); 25,3% Estilo Parental Bom; somente 12,1% das mães dos alunos apresentaram Estilo Parental Ótimo. Observou-se, desse modo, que tanto os pais quanto as mães demonstram repertório comportamental pouco satisfatório relacionado a maneira como educam seus filhos. A média geral das práticas paternas ($m = -1,44$; $dp = 10,702$), assim como a média das práticas maternas ($m = -0,68$; $dp = 10,497$) demonstrou risco e

indicação para intervenção, conforme aponta Gomide (2006) de orientação, treinamento ou terapia, de acordo com as especificidades de cada caso.

A Tabela 1 mostra que o IEP, que reflete o conjunto das práticas educativas parentais é de risco, mostrando a prevalência de práticas negativas, em detrimentos das positivas, sendo que a maioria das práticas parentais, tanto dos pais como das mães, é regular e duas delas são de risco, abuso físico para ambos e negligência para as mães. Este resultado é preocupante, pois informa que estes pais têm déficits severos na forma de educar. Patterson, Dishione, Reid (2002), enfatizam que a ausência de habilidades parentais para educar é um dos principais fatores responsáveis pelo desenvolvimento de comportamentos antissociais, entre eles o *bullying*.

Foi realizada uma correlação de Pearson com nível de significância de 5% entre estilo parental materno e paterno e papéis em situação de *bullying*, seja vítima, agressor ou expectador. Os dados são mostrados na Tabela 2.

A análise entre indicativos de *bullying* e estilo parental apresentou correlação negativa e fraca para os pais ($r = -0,209$ e $p = 0,001$) e para as mães ($r = -0,281$ e $p < 0,001$). Na análise das relações entre estilos parentais e os papéis envolvidos em situações de *bullying* também foram identificadas correlações fracas, no papel de vítima para os pais ($r = -0,271$ e $p < 0,001$) e para as

TABELA 1: Média dos Estilos Parentais Materno e Paterno ($n = 283$)

Estilo Parental	Materno	Paterno
Monitoria Positiva	9,30 (3)	8,40 (3)
Comportamento Moral	9,06 (3)	8,70 (3)
Punição Inconsistente	3,58 (3)	3,35 (3)
Negligência	3,14(4)	3,56 (3)
Disciplina Relaxada	3,61 (3)	3,38 (3)
Monitoria Negativa	6,39 (3)	5,89 (3)
Abuso Físico	2,32 (4)	2,47 (4)
Índice de Estilo Parental	-0,16 (4)	-1,44 (3)

Interpretação dos dados 1 = Ótimo; 2 = Bom; 3 = regular e 4 = de risco

TABELA 2: Correlação do IEP e práticas de *bullying*

	Paterno	Materno
IEP X Espectadores	r= -0,100 (p=0,115)	r = -0,123 (p=0,041)
IEP X Vítima	r= -0,271 (p<0,001)	r = -0,195 (p=0,001)
IEP X Agressores	r= -0,177 (p=0,004)	r = -0,179 (p=0,003)
IEP X Indicativos	r= -0,209 (p=0,001)	r = -0,282 (p<0,001)

mães ($r = -0,195$ e $p=0,001$), no papel de agressor com estilo paterno ($r = -0,177$ e $p=0,004$) e materno ($r = -0,179$ e $p=0,003$), e também para a situação de espectador para mães ($r= -0,100$ e $p=0,115$) e para pais ($r = -0,123$ e $p=0,041$). Tais resultados denotam que há relações, embora fracas, entre práticas de *bullying* escolar com os estilos parentais dos pais, mas não necessariamente que o *bullying* está associado a práticas parentais exclusivamente.

Nota-se que a temática sobre possíveis relações entre *bullying* e estilos parentais seja incipiente conforme sugere Rodrigues (2014), na sua pesquisa por textos encontrados relacionados à temática ‘estilos parentais e sua relação com comportamentos de *bullying*’. A autora refere que foram encontrados apenas 9 textos que estavam relacionados diretamente com a pesquisa, buscando compreender-se a relação dos estilos parentais com os comportamentos dos filhos. Porém não foram encontrados textos que discutissem especificamente a temática ‘estilos parentais e sua relação com comportamentos de *bullying*’, ou seja,

Nível de significância de 5% entre estilo parental materno e paterno e papéis em situação de *bullying* não foram discutidos os estilos parentais utilizados na educação do jovem que sofre *bullying* e do jovem que pratica esse tipo de violência, especificamente até o presente momento, o que dificulta uma análise mais abrangente ou comparativa com a presente pesquisa.

Considerações Finais

A escola é responsável por influenciar significativamente a vida das pessoas tanto em experiências pessoais quanto acadêmicas. Dependendo como estas sejam constituídas deixam marcas durante toda a vida. O *bullying* é um fenômeno que acontece em todas as escolas, independente do local e das camadas sociais.

O presente artigo teve por objetivo discutir o *bullying* escolar e a importância da inserção dos pais e outros familiares nas pesquisas e intervenções. As consequências a curto e longo prazo do fenômeno *bullying* sobre o desenvolvimento psicossocial tanto

da vítima quanto do agressor aponta a necessidade de novos estudos que tenham como propósito a compreensão deste fenômeno, com vistas à diminuição da sua incidência. Além disso, os resultados obtidos neste estudo não possibilitam certa visibilidade a respeito da percepção de alunos de ensino fundamental a respeito de consequências, atitudes e medidas para a prevenção do *bullying*. Também é importante destacar que se trata de uma pesquisa realizada a partir de uma amostra pequena de uma escola específica. Dessa forma, ainda que os dados possibilitem caracterizar aspectos do fenômeno investigado, não permitem que os mesmos sejam generalizados para a população em geral.

A atual pesquisa demonstrou que este fenômeno ocorre também na escola pesquisada, inclusive de modo significativo, se comparada a outras pesquisas realizadas anteriormente. No entanto, observou-se que a questão da vulnerabilidade social está presente na escola a partir dos dados sociodemográficos, o que vem de encontro com a literatura sobre fatores de risco preditores a comportamentos antissociais, como exemplo, caracterizados pelos comportamentos de *bullying*.

Um dos fatores importantes é a questão das influências das práticas educativas representados pela pesquisa dos estilos parentais em que os alunos estão

inseridos. As práticas educativas que podem levar ao desenvolvimento de comportamentos antissociais são chamadas por Gomide (2003) de práticas educativas negativas, sendo seis as mais encontradas na literatura: negligência, abuso físico e psicológico, disciplina relaxada, punição inconsistente e monitoria estressante. Quanto às práticas educativas positivas que colaboram para o adequado desenvolvimento pró-sociais da criança, destacam-se a monitoria positiva e o comportamento moral. Na atual pesquisa, fica evidente que as duplas parentais pesquisadas não demonstram, na grande maioria, condições necessárias para aprendizagens necessárias e adequadas que favoreçam a aquisição de repertórios comportamentais os quais auxiliem uma boa convivência social com pares necessitando de informações e experiências que contribuam para a maneira como educam seus filhos.

Apesar de a coleta de dados ser realizada de forma satisfatória, sugere-se que o instrumento que objetiva identificar situações de *bullying* (questionário) seja revisto e aperfeiçoado, inclusive denota-se a necessidade de formalizar o instrumento de coleta de dados com as devidas alterações. As perguntas e respostas de tal instrumento, algumas vezes, não atenderam a necessidade do pesquisador principalmente pelo modo em que são feitas as perguntas, que podem induzir respostas ou que não dispõem de flexibilidade.

Com as famílias e comunidade escolar denota-se a necessidade de elevar as discussões sobre o fenômeno *bullying* de modo a mostrar as consequências dos comportamentos de bullying, bem como as variáveis que o mantém. Também se devem estimular práticas educativas mais condizentes com a realidade a que estamos expostos, evitando a coerção e ampliando o entendimento e aplicabilidade de comportamento moral, usando monitoria positiva como inibidores de comportamentos antissociais tal como comportamentos de *bullying*. Para Sidman (1995), coerção é o uso da punição e da ameaça de punição para conseguir que os outros ajam como gostaríamos. Entretanto, embora ela possa produzir esse resultado – a custa dos inevitáveis efeitos colaterais – não oferece à criança ou ao adolescente qualquer caminho alternativo para comportar-se construtivamente.

Com os alunos sugere-se que sejam trabalhados comportamentos mais adaptativos tanto em relação à redução da vitimização, quanto em relação à empatia e autocontrole aos *bullies*, bem como aos espectadores. Compartilha-se, portanto, das ideias de Lopes Neto & Saavedra (2003), no que tange a única maneira de se combater o *bullying* que é por meio da cooperação de todos os envolvidos: professores, alunos e pais. Os autores sugerem que a escola deve

agir precocemente, quanto mais cedo o *bullying* cessar, melhor será o resultado para todos os alunos. Intervir imediatamente, tão logo seja identificado a existência de casos na escola é fundamental e manter atenção permanente sobre isso é a estratégia ideal.

Corroborar-se com a ideia de Santos, Ribeiro e Kiennen (2015), na continuação ao trabalho de investigação sobre o *bullying* nas escolas, onde as autoras sugerem que sejam realizadas novas pesquisas que busquem identificar a frequência de programas educativos nas escolas brasileiras e as práticas interventivas utilizadas nas mesmas para evitar a ocorrência de comportamentos agressivos. Pesquisas que busquem avaliar a eficácia dos programas educativos *anti-bullying* que estabelecem parcerias entre as diferentes instituições sociais em comparação com aqueles que se destinam a uma instituição específica, também poderiam gerar resultados significativos para a elaboração de novos programas.

Para concluir, considera-se que a violência escolar, especificamente a prática do *bullying* está presente na escola pesquisada e que se visualiza a necessidade de desenvolver programas que contemplem toda comunidade escolar, tal como os autores acima apontam e de modo a minimizar as consequências desse tipo de violência a curto e em longo prazo. Este trabalho deve ser pautado em ações voltadas à

pais/educadores - tal como a pesquisa demonstrou a necessidade, também com alunos e professores/equipe pedagógica, ressaltando a necessidade de intervenções contínuas e que possam ser avaliadas em relação a sua eficácia e efetividade. A prevenção da violência,

incluindo o *bullying*, deve ser uma prioridade para quem se preocupa com a saúde e o desenvolvimento psicossocial das crianças e dos adolescentes. Portanto, destaca-se que parece que ainda há muito a ser feito para reduzir a incidência do *bullying* nas escolas.

Referências

- AMERICAN Psychological Association. (2014). Resolution on the maltreatment of children with disabilities. Porto Alegre: Artmed.
- BATSCHKE, G. M., & KNOFF, H. M. (1994). Bullies and their victims: understanding a pervasive problem in the schools. *School Psychological Review*; 23 (2): 165-175.
- BATISTA, A. P. & WEBER, L. D. (2011). III Simpósio Brasileiro de Desenvolvimento e Família. Comportamento Antissocial e Comportamento externalizante em crianças: uma revisão de estudos teóricos (Painel).
- BERGER, K. S. (2007). Update on bullying at school: Science forgotten? *Developmental Review*, 27, 90-126.
- BANDEIRA, C.M.; HUTZ, C.S. (2012) Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. *Revista semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*. São Paulo, 16, n. 1, p. 35-44.
- BORSA, JULIANE CALLEGARO, PETRUCCI, GIOVANNA WANDERLEY, & KOLLER, SÍLVIA HELENA. (2015). La participación de los padres en las investigaciones sobre el bullying escolar. *Psicología Escolar e Educacional*, 19(1), 41-48. <https://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0191792>.
- Cook, C. R., Williams, K. R., Guerra, N. G., Kim, T. E., & Sadek, S. (2010). Predictors of bullying and victimization in childhood and adolescence: A meta-analytic investigation. *School Psychology Quarterly*, 25(2),65-83. doi:10.1037/a0020149
- CONSELHO Nacional de Justiça (2010). *Bullying: cartilha – projeto justiça nas escolas*. Brasília: FMU, 2010.
- CUNHA, J. M. & WEBER, L. N. D. (2007). Bullying escolar e estilos parentais. Em R. R. Starling (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição: Temas Aplicados*. vol. 19 (pp. 335-346). Santo André: ESEtec.
- FANTE, C. ,(2005) Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Versus.
- FANTE, C. (2008) *Bullying escolar: perguntas & respostas*. Porto Alegre: Artmed.
- GOMIDE, P.I.C. (2001). Efeitos das práticas educativas no desenvolvimento do comportamento Antissocial. Em: M. L. MARINHO E V. E. CABALLO (orgs.). *Psicologia Clínica e da Saúde* (pp. 33-53). Londrina: UEL.
- GOMIDE, P.I.C. (2003). Estilos Parentais e comportamento antissocial. In DEL PRETTE A. & Z. DEL PRETTE (Orgs.). *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção* (21-60). Campinas: Alínea.
- GOMIDE, P. I. C. (2006). *Inventário de Estilos Parentais. Modelo teórico: manual de aplicação, apuração e interpretação*. Petrópolis: Vozes.
- GOMIDE, P.I.C. (2010) *Comportamento Moral*. In Gomide, Paula Inez (Org) *Comportamento Moral: uma proposta para o desenvolvimento das virtudes*. Curitiba, Editora Juruá, p.17-34, 267.
- GOMIDE, P. I. C. (2011). *Psicologia Forense e suas conexões com as diversas áreas da Psicologia*. (em prelo)

- GUTSTEIN, T. C., & INGBERMAN, Y. K. (2011). Descrição de uma proposta de levantamento, caracterização e intervenção em situações de bullying [versão eletrônica]. Trabalho apresentado no I Congresso Internacional de Saúde Mental. Unicentro. Recuperado de <http://anais.unicentro.br/cis/icis/pdf/conferencias/Thais.pdf>
- LOPES NETO, A.A. & SAAVEDRA, L.H. (2003). Diga não para o bullying: Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro, ABRAPIA, p. 146
- LOPES, A. A. N. (2005). Programa de reducción del comportamiento agresivo entre estudiantes. Em C. B. Silva & C. M. Lisboa (Eds.), *Violencia escolar* (pp. 297-335). Santiago de Chile: Universitária.
- LOHR, S. S.; PEREIRA, A. C. S.; ANDRADE, A. L. M. & KIRCHNER, L. de F. (2007) Avaliação de programas preventivos: relato de experiência. *Psicol. estud.* [online]. vol.12, (3) pp.641-649. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722007000300022&lng=en&nrm=iso>. ISSN 1413-7372. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722007000300022>.
- NASCIMENTO, A.M.T; MENEZES, J.A. (2013) Intimidações na adolescência: expressões da violência entre pares na cultura escolar. *Psicologia e Sociedade*, v.25, n.1.
- MARQUES, R. G (2010). A aquisição do comportamento antissocial numa perspectiva analítico-comportamental. *RedePsi*.
- OLWEUS, D. (1991). Bully/victim problems among schoolchildren: Basic facts and effects of a school based intervention program. In PEPLER D. J. & RUBIN K. H. (Eds.), *The development and treatment of childhood aggression*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- OLWEUS, D. (1993). *Bullying at school. What we know and what we can do*. Oxford: Blackwell.
- ORPINAS, P., & HORNE, A. M. (2006) Bullies and victims: a challenge for schools. Em: LUTZKER, J. R. (Org), *Preventing Violence: Research and evidence-based intervention strategies* (pp. 147-165). Washington: American Psychological Association.
- PATTERSON, G., REID, J. & DISHION, T. (2002). *Anti-social Boys: comporment anti-social*. Santo André: ESETEC Ed. Associados.
- RECH, R. R., HALPERN, R., TEDESCO, A. & SANTOS, D. F. (2013). Prevalência e características de vítimas e agressores de bullying. *Jornal de Pediatria*, 89(2), 164-170. <https://dx.doi.org/10.1016/j.jped.2013.03.006>
- RODRIGUES, P. C. G.N (2014). Estilos parentais e violência: os modos de tutela e a relação com o comportamento dos filhos na escola. 2014. 64 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/121898>>.
- SALVO. C. G; SILVARES E. F. M; TONI P. M. (2005). Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social. *Estudos de Psicologia*. Campinas 22 (2) 187-195.

- SANTOS, M. M.; PERKOSKI, I.R., & KIENEN, N. (2015). Bullying: atitudes, consequências e medidas preventivas na percepção de professores e alunos do ensino fundamental. *Temas em Psicologia*, 23(4), 1017-1033. <https://dx.doi.org/10.9788/TP2015.4-16>
- SEIXAS, S. R. P. M. M. (2006). Tese de Doutorado- Comportamentos de bullying entre pares: Bem estar e ajustamento escolar. Universidade de Coimbra.
- SIDMAN, M. (1995). Coerção e suas implicações. Campinas: Ed. Psy II.
- SPRIGGS, M. A., IANNOTTI, R. J., NANSEL, T. R., & HAYNIE, D. L. (2007) Adolescent bullying involvement and perceived family, peer and school relations: commonalities and differences across race/ethnicity. *Journal of Adolescent Health*.; 41 (3), 283-293.
- SCHLINGER, H. JR. (1995) Social and emotional development II. Moral Behavior. In *Behavior Analytic view of child development*. Plenum Press, New York, pp. 215-242.
- SKINNER, B. F. (1971). *Beyond freedom and dignity*. New York: Alfred A. Knopf.
- TRAUTMANN, A. M. (2008). Maltrato entre pares o “bullying”. *Una vision actual*. *Revista Chilena de Pediatría*.; 79 (1), 13-20.
- VALENTIM, M. G.(2005). Violência e omissão: como fica o behaviorista. In: GUILHARDI H., AGUIRRE.N.C (orgs). *Sobre comportamento e cognição* (vol. 16 pp.116-121). São Paulo : ESETec
- WILLIAMS L & STELKO-PEREIRA A. C. (2008) A Associação entre Violência Doméstica e Violência escolar. *Educação: Teoria e Prática* - v. 18, jan.-jun., (30) p.25-35.
- WILLIAMS, L. C & PINHEIRO, F. M. F. A. (2009) Violência Intrafamiliar e Intimidação entre Colegas no Ensino Fundamental. *Cadernos de Pesquisa*.; 39 (138), 995-1018.